



O HOMEM QUE NÃO QUERIA SER PAPA

ANDREAS ENGLISH

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 • 6º andar • Bloco 2 • Conj. 603/606

Barra Funda • CEP 01136-001 • São Paulo • SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

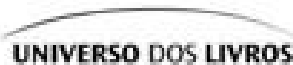
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

ANDREAS ENGLISH

O HOMEM
QUE NÃO
QUERIA
SER PAPA

São Paulo
2013

**UNIVERSO DOS LIVROS**

© 2011 by Andreas Englisch (www.andreasenglisch.de), represented by AVA international GmbH, Germany (www.ava-international.de)

Originally published 2011 by C. Bertelmann Verlag, Munich, in der Verlagsgruppe Random House GmbH

© 2013 by **Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

1ª edição - 2013

Diretor editorial

Luis Matos

Editora-chefe

Marcia Batista

Assistentes editoriais

Ana Luiza Candido

Bóris Fatigati

Raíça Augusto

Raquel Nakasone

Tradução

Gisele Andrade

Regina Canova

Colaboração

Marly Netto Peres

Arte

Francine C. Silva

Karine Barbosa

Capa

Zuleika Iamashita

Conversão para epub

[Obliq Press](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O homem que não queria ser papa / Andreas Englisch; tradução de Gisele Andrade, Regina Canova. – São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

560 p.

ISBN: 978-85-7930-378-4

Título original: Benedikt XVI

1. Bento XVI, Papa, 1927- 2. Papas – Igreja Católica I. Título II. Andrade, Gisele III. Canova, Regina

CDD 922.21

13-0155

Sumário

[2005 Papa a contragosto](#)

[2006 O ano de Regensburgo](#)

[2007 Quem manda no Vaticano?](#)

[2008 Sucesso no fim do mundo, aborrecimentos em casa](#)

[2009 Conflitos vêm à tona](#)

[2010 Um papa no meio da tempestade](#)

[2011 O ano em que o papa se superou](#)

[2013 O discurso de renúncia do papa Bento XVI](#)

Papa a contragosto

Quem vai assumir?

Resumindo o que meus amigos e informantes no Vaticano me contaram, posso dizer que tudo começou da seguinte maneira:

Cidade do Vaticano, Capela Sistina, abril de 2005. O silêncio na grande capela construída pelo papa Sisto IV pesava sobre os 115 cardeais encarregados de eleger o novo papa. Todos eles sabiam que milhares de pessoas que lamentavam a morte de Karol Wojtyła aguardavam a alguns passos dali, diante do Vaticano. E eles, os cardeais da Igreja Católica, tinham a missão de resolver o mistério de quem seria escolhido por Deus para suceder o “papa do milênio”. Escolher quem sairia do balcão como o 264º sucessor de Pedro. Depois de Karol Wojtyła, terminaram-se os dias em que a eleição do sumo pontífice interessava somente à Igreja italiana porque um dos seus cardeais seria promovido a papa. O sumo pontífice polonês tinha sabido criar uma Igreja globalizada, e era por isso que, dessa vez, o mundo inteiro tinha os olhos postos em Roma.

Por séculos, os cardeais fizeram as eleições na capela sombria iluminada à luz de velas. A capela é especialmente escura porque as janelas são altíssimas. Na opinião deles, isso a tornava mais fácil de defender em caso de guerra. A fuligem negra das velas foi lavada dos afrescos coloridos de Michelangelo Buonarroti, no teto e na parede frontal da capela. Até hoje, a cena do Juízo Final pintada por Michelangelo ameaça os cardeais. Até hoje, o Satã no afresco agarra os pecadores. O chefe de cerimônias, o bispo Piero Marini, fecha os cardeais a chave, ali, pouco depois da saída dos “*extra omnes*” que observavam o mesmo homem. “*Extra omnes*” significa que todos os espectadores devem deixar o recinto, e que só os cardeais e os médicos e seus ajudantes podem permanecer no conclave.

Todos olhavam para um italiano, o cardeal Carlo Maria Martini, eterno segundo. Há mais de uma década seu nome sempre surgia quando se discutia quem poderia ser o próximo sumo pontífice. Nem era preciso explicar aos cardeais dos países mais distantes quem era Martini e em qual banco ele se sentava. O homem esbelto, que não tinha a aparência de italiano, parecia muito mais um dinamarquês ou sueco, por causa de sua pele clara e sua altura impressionante. Ele era uma estrela da Igreja, e seus livros eram conhecidos no mundo inteiro. Todos os cardeais conheciam a personalidade de Martini, que ficava observando as pessoas de longe. Esse hábito dava a ele a aparência de uma águia. Martini observava tudo ao seu redor, olhava por cima das pessoas, como se tivesse grandes coisas em mente, em vez de se preocupar com futilidades. A mente brilhante de um homem que tinha a visão e a experiência de lidar com uma grande diocese na Itália, em Milão, fazia dele um candidato perfeito. Alguns cardeais olhavam para Martini com inveja. Cardeais esperavam por dias ou até semanas para alguma conferência ou sínodo na vã esperança que algum jornalista solicitasse uma entrevista e pedisse a opinião deles.

Assim que Martini apareceu, uma multidão de pessoas da imprensa foi na direção dele. Ele tinha uma necessidade extra de criar uma equipe de funcionários que deveriam interceptar a imprensa e marcar cuidadosamente compromissos com todos para que eles pudessem falar com o grande cardeal. A Igreja Católica começou a especular sobre Carlo Maria Martini depois que o porta-voz papal, Joaquín Navarro-Valls, disse ao mundo que o papa João Paulo II tinha o mal de Parkinson e que isso poderia fazer que ele deixasse o cargo. Especialistas em Teologia discutiram a delicada questão: poderia Martini jurar obediência? Pois, sendo jesuíta, ele era obrigado a uma obediência especial ao sumo pontífice. Para essa questão não havia casos anteriores que pudessem servir de exemplo, porque nunca um jesuíta ocupou o trono do papa. Muitos políticos influentes, como George Bush sênior e Helmut Kohl,

procuraram se aproximar de Martini, imaginando que ele poderia ser o próximo papa.

Anos se passaram e o cardeal Carlo Maria Martini escreveu diversos livros e deu entrevistas impecáveis. Várias obras foram escritas, especulando como seria a Igreja Católica sob o comando do papa Carlo Maria Martini. Karol Wojtyła governou, sofreu e lutou, mas não saiu antes do tempo. Foi assim que a época de Martini passou, aquela em que ele seria o sucessor perfeito para o trono de Pedro. Agora, suas mãos trêmulas já não conseguiam mais esconder que ele também sofria do mal de Parkinson. Velho e fraco, ele evitava, cabisbaixo, os olhares questionadores dirigidos a ele na capela. Mesmo assim, muitos votaram em seu nome na primeira eleição, mas seus ombros caídos pareciam dizer “Não consigo mais fazer isso. Estou velho e doente demais”.

Quando o cardeal Carlo Maria Martini saiu da disputa, começou o questionamento se havia chegado o tempo da grande revolução. Seria finalmente a vez do primeiro papa do continente americano? Nas últimas décadas, havia surgido o plano ousado de escolher um homem do Novo Mundo. Karol Wojtyła nunca se cansava de dizer que a América Latina era a esperança. A maioria dos católicos do mundo, mais de 550 milhões de pessoas, vive no continente americano. Quando o número de fiéis católicos e a quantidade de candidatos ao seminário diminuíram drasticamente na Europa, a esperança se mudou para a América. Um homem estava pronto para assumir essa empreitada: o argentino Jorge Mario Bergoglio. Ele era considerado genial, corajoso e experiente. Conhecia a Igreja Católica no mundo inteiro e, além disso, era considerado um excelente teólogo. Poucos pareciam surpresos com o número de votos que ele estava conseguindo. Mas ele não ergueu o olhar para os cardeais que o observavam de suas mesas. Com as sobancelhas prateadas e bolsas escuras embaixo dos olhos, ele mais parecia um corvo velho observando a urna de eleição. Com certeza, percebeu que ganhava cada vez mais votos. A expressão amarga ao redor de sua boca deixava claro para os cardeais que ele sabia das vozes sussurrando atrás dele, nos corredores vazios do hotel cardinalício Domus Sanctae Marthae. Seus inimigos dizem que ele havia se aliado aos assassinos da junta militar argentina. Bergoglio não conseguiu fazer esses rumores desaparecerem e sabia perfeitamente da suspeita que pesava sobre ele, de ter delatado alguns padres em 1976, para a junta militar.

Mas isso seria realmente verdade? Quem poderia saber e quem poderia provar? E quem poderia garantir que isso não era verdade? O que aconteceria se ele fosse eleito sumo pontífice e depois surgissem provas incontestáveis de que ele tinha mesmo sido um informante dos militares? Não era suspeito o fato de Bergoglio nunca ter sido preso pelos carniceiros militares, que eram ateus? Ele também não era um herói. Mas e se foi um cúmplice? Como os cardeais poderiam prestar homenagem a tal papa? Eles não conseguiriam se livrar dele depois da eleição sem que isso se transformasse em escândalo. Poderiam até contar com uma renúncia voluntária, mas, no pior dos casos, teriam que esperar até sua morte. Muito arriscado. Bergoglio não era uma escolha segura.

Mas se não fosse Martini ou Bergoglio, então quem? O homem de cabelos brancos sentiu os olhares dos cardeais. Muitos se perguntaram: por que não o teólogo da Bavária? Karol Wojtyła não tinha enfatizado em seu último livro que ele não era apenas um bom funcionário, mas sim seu “melhor amigo”? Então, por que não o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (*Congregatio pro Doctrina Fidei*), o eterno companheiro de Wojtyła? Tudo parecia girar em torno do problema espinhoso que surgiu com a morte do papa polonês: como escolher alguém que não fosse desaparecer ao ser comparado com o chamado papa do milênio? Todos sabiam: escolher Joseph Ratzinger para sumo pontífice seria uma crueldade, porque ele havia cometido um erro. Em seus escritos sobre a massa, a mesma massa que o esperava do lado de fora, para cumprimentar o novo papa, ele quis banir as canções durante a missa e, com isso, deixou claro para o conjunto de fiéis que ele considerava seu comportamento indigno de uma missa sagrada.

Eleger Joseph Ratzinger sumo pontífice significaria fazer que justamente o homem que proibiu os católicos mais fervorosos de festejarem durante a celebração da missa tivesse que ser forçado a entreter

a massa e encantá-la com seu carisma em todos os continentes. Obviamente, Joseph Ratzinger nunca imaginou que seria colocado em uma posição na qual confrontaria as multidões. Joseph Ratzinger estava certo que chegaria ao fim da vida do mesmo jeito de sempre, no silêncio de seu escritório. Como seria possível mandar aquele homem, que disse claramente que não queria nada com as celebrações barulhentas das missas, postar-se diante de multidões? A multidão de pessoas da Igreja iria fazê-lo pagar por isso, e o desafiaria com seus aplausos? Como se quisessem dizer: “Vamos, papa Ratzinger, ouse nos proibir de aplaudir e balançar nossas bandeiras! Agora tudo isso é para você”. Naquela ocasião, muitos cardeais pensaram: “Não podemos fazer isso com ele, o cardeal Joseph Ratzinger não merece isso”. Ele não tinha se candidatado à eleição e afirmou várias vezes que era completamente inadequado para aquela nova imagem criada por Karol Wojtyła: um papa para ser tocado, um papa próximo, que possa ser verdadeiramente amado pelas multidões.

Em meados de 2000, durante a Jornada Mundial da Juventude em Roma, Karol Wojtyła pediu a milhões de pessoas que cantassem mais alto e que batessem palmas para que toda “Roma pudesse ouvir”. Que contraste com o estilo do prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, que preferia fazer suas orações bem baixinho, em pequenas igrejas com poucos participantes! Justamente esse Joseph Ratzinger seria enviado diante das pessoas, para que multidões festejassem e comemorassem o sucessor digno de Karol Wojtyła. Isso era muito desumano. Joseph Ratzinger sempre havia externado sua opinião e dito que se imaginava em uma missa sóbria, sem aplausos e danças no altar, mas nunca tinha declarado saber como manter as multidões sob controle. E agora os cardeais impunham justamente isso, como se quisessem dizer: “Você disse que sabe mais, então nos mostre como melhorar”. Existe outro motivo do porquê parecia impossível que Joseph Ratzinger fosse eleito o próximo sumo pontífice: sua personalidade. Georg Gänswein, secretário de Ratzinger, me disse mais tarde em termos claros: “Joseph Ratzinger não gosta de ser o centro das atenções”. Mas como se pode fazer de um homem o próximo papa sabendo que ele odeia que fiquem olhando para ele e não gosta de fazer um verdadeiro espetáculo, acenando do carro aberto, enquanto passa pela praça São Pedro e chama a atenção de todas as câmeras de televisão? Parecia injusto exigir isso daquele homem idoso.

O terceiro motivo para não se votar nele é que o cardeal Joseph Ratzinger não sabia nada sobre a política da Igreja. Ele nunca havia trabalhado como secretário de Estado. Pelo contrário, durante um debate sobre a admissão da Turquia na União Europeia, ele tinha sido muito repreendido pelo cardeal secretário de Estado Angelo Sodano. Quando Ratzinger se pronunciou contra a admissão da Turquia em uma entrevista, Sodano esclareceu logo em seguida, e publicamente, que aquela era a opinião pessoal de Joseph Ratzinger e não a opinião da Igreja.

Mas foi justamente o fato de Ratzinger não ter amigos ou pessoas de confiança no secretariado de Estado que chamou a atenção dos cardeais que comandam a Igreja e viram nele a figura ideal para se tornar o próximo sumo pontífice. Diversos cardeais desejavam que o secretariado de Estado recuperasse a autonomia perdida com João Paulo II. Karol Wojtyła, Karol o Grande, tinha centralizado todas as funções nele mesmo. As negociações do cardeal secretário de Estado com os chefes de Estado do mundo eram uma piada. Karol decidia praticamente tudo, sem Karol nada acontecia. Ele era o chefe e o herói, e mesmo seus inimigos assumiam que tinha incríveis habilidades políticas. Até Mikhail Gorbachev disse que sem Karol Wojtyła a União Soviética não teria terminado pacificamente. Os cardeais da Cúria conheciam a história verdadeira de Karol Wojtyła ter berrado ao telefone com o cardeal secretário de Estado, Agostino Casaroli. É bem verdade que ele pediu desculpas, mas isso não muda o fato de ter gritado com o cardeal. Esse era o equilíbrio de poder entre o papa e o cardeal secretário de Estado.

Muitos sonhavam que o próximo sumo pontífice permitisse que o secretário de Estado pudesse respirar novamente e recuperasse a importância política do cargo. Mas isso também significava eleger um papa que eles sabiam que perderia parte do poder de imediato, o que não poderia ser mantido em segredo por muito tempo. O sumo pontífice teria de viver com isso e aparentar ser um papa muito mais fraco que seu

predecessor, ao menos para o público. Parecia injusto impor tudo isso ao quieto e educado Joseph Ratzinger: reinar como um papa publicamente deposto, para garantir o bem-estar do secretariado de Estado, que finalmente seria libertado do controle de um pontificado poderoso. O pacífico Joseph Ratzinger conseguiria se impor na guerra interna emergente? Sempre que uma ação de política externa fosse bem sucedida, ele seria felicitado, mas quando o resultado fosse negativo, ele levaria toda a culpa sozinho, por não recorrer ao carisma necessário para impor as ideias ao secretariado de Estado. As pessoas deveriam assistir a sua humilhação diversas vezes e se retirar da política do Vaticano? Um papa que teria que se sujeitar a fazer o que o secretariado de Estado determinasse?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

